

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [recurso eletrônico] : uma nova agenda para a emancipação 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação. Uma Nova Agenda para a Emancipação; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-739-0 DOI 10.22533/at.ed.390192310 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Stephani, Adriana Demite. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação 2” é um mosaico de abordagens, olhares e narrativas sobre a educação brasileira. De caráter *pluri*, é composta por 2 volumes contendo 23 artigos cada, reunindo ao todo 46 textos que discutem, refletem e apresentam práticas de pesquisadores e docentes de diferentes estados e instituições, tanto brasileiras quanto internacionais.

objetivo da obra é apresentar um panorama das diversas e importantes pesquisas pelo país a partir de inúmeros aspectos da educação, desde processos históricos de constituição, desafios, enfrentamentos e ações na/para a formação docente, perpassando por reflexões sobre a educação como instrumento para a formação crítica e como processo inclusivo, como também apresentando possibilidades reais de atuações em sala de aula através dos relatos das práticas docentes.

O volume I inicia com 6 artigos que refletem o perfil docente do Século XXI diante dos novos paradigmas para a formação de professores e as reais condições do exercício docente em nosso país, refletindo sobre aspectos curriculares e enfrentamentos nessa formação. A esses primeiros textos, seguem-se outros 3 textos que trazem um olhar também sobre o perfil, o papel e a importância de gestores e coordenadores na Educação Básica. E, a Educação Básica é linha condutora dos 13 demais artigos que exploram diferentes aspectos educacionais como a inserção de temáticas pouco exploradas em sala de aula, assim como, práticas docentes envolvendo diferentes ferramentas e explorando os recursos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a partir de pesquisas realizadas, como também através de relatos de trabalhos com jogos e oficinas em sala de aula.

Os 5 textos iniciais do Volume II abordam aspectos históricos da educação, trazendo pesquisas, apresentando processos históricos constituintes de espaços escolares e de processos de escolarização, tanto de educação básica como superior, que narram alguns momentos, entre tantos, da história da educação brasileira. Seguem-se a esses, outros 9 capítulos que possuem como linha conectiva a formação crítica e emancipadora através do processo educativo em diferentes frentes, espaços e abordagens teóricas. Os 8 capítulos restantes refletem sobre o processo de inclusão, os enfrentamentos da educação especial, a questão da saúde dos profissionais da educação, os dilemas da relação família-escola, a necessidade de escuta na educação infantil e a importância de reflexões sobre a sexualidade juvenil.

Essa diversidade de temáticas e pesquisas apresentadas na obra demonstra os múltiplos olhares e enfrentamentos da educação do país e a necessidade de aprofundamento e reflexão constantes.

Convidados o leitor para essa reflexão!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO PERÍODO DE 1930 A 2016	
Adriana Freire Pereira Férriz Ingrid Barbosa Silva Jakeline Gonçalves Bonifácio Sena Rosane dos Santos Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.3901923101	
CAPÍTULO 2	13
A REFORMA EDUCACIONAL SOB A ÓTICA NEOLIBERAL	
Elizangela Tiago da Maia	
DOI 10.22533/at.ed.3901923102	
CAPÍTULO 3	21
OS INSPETORES DA INSTRUÇÃO NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO	
Vinicius Teixeira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3901923103	
CAPÍTULO 4	33
O CONTEXTO HISTÓRICO DE EXPANSÃO DO CTISM: REFLEXÕES INICIAIS	
Talia Giacomini Tomazi Roselene Moreira Gomes Pommer	
DOI 10.22533/at.ed.3901923104	
CAPÍTULO 5	42
REFLEXÕES SOBRE ESCOLARIZAÇÃO E TRABALHO NA VIDA DE MENINAS E MULHERES BRASILEIRAS A PARTIR DO CURTA-METRAGEM VIDA MARIA	
Rodrigo Ribeiro de Oliveira Dagmar Silva Pinto de Castro Sueli Soares dos Santos Batista	
DOI 10.22533/at.ed.3901923105	
CAPÍTULO 6	52
A INTENCIONALIDADE DA FORMAÇÃO ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA-LIBERTADORA	
Elna Pereira Nascimento Cres Nilo Agostini	
DOI 10.22533/at.ed.3901923106	
CAPÍTULO 7	61
CRITICIDADE: PRESSUPOSTOS ORIUNDOS DA OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Letícia Maria Passos Corrêa Neiva Afonso Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3901923107	

CAPÍTULO 8	75
CONCEPÇÃO LIBERALISTA DE LOCKE E O DIREITO À EDUCAÇÃO	
Thiago Rodrigues Moreira	
Raimundo Márcio Mota de Castro	
Juliane Prestes Meotti	
DOI 10.22533/at.ed.3901923108	
CAPÍTULO 9	86
CONFORMISMO SIMULADO: QUESTÃO DE ORDEM, DE SOBREVIVÊNCIA OU UMA SAÍDA POSSÍVEL EM TEMPOS RANÇOSOS?	
Enéas Machado	
Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3901923109	
CAPÍTULO 10	95
EDUCAÇÃO EM ADORNO – POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA EMANCIPAÇÃO	
Mariano Luiz Sousa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.39019231010	
CAPÍTULO 11	107
EDIFÍCIOS ESCOLARES VOLTADOS À EDUCAÇÃO EMANCIPADORA ORIENTADOS PELAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E METODOLOGIAS ATIVAS	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.39019231011	
CAPÍTULO 12	120
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DE INTERAÇÃO FORMAÇÃO-TÉCNICA	
Thiago Vieira Machado	
Anne Alilma Silva Souza Ferrete	
DOI 10.22533/at.ed.39019231012	
CAPÍTULO 13	131
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA COMO PROPÓSITO	
Lucila Ludmila Paula Gutierrez	
Paula Macarena Caballero Moyano	
Raphael Maciel da Silva Caballero	
DOI 10.22533/at.ed.39019231013	
CAPÍTULO 14	139
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: UM DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO GRAMSCIANO NA FORMAÇÃO INTEGRAL COM A EDUCAÇÃO DA GRÉCIA ANTIGA	
Janiara de Lima Medeiros	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.39019231014	

CAPÍTULO 15	151
A INCLUSÃO DE CRIANÇAS DEFICIENTES NA ESCOLA PÚBLICA: O OLHAR DOS PROFESSORES DE DOIS MUNICÍPIOS DO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO	
Sandra Maria Guisso Charles Moura Netto	
DOI 10.22533/at.ed.39019231015	
CAPÍTULO 16	161
DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
João Ricardo Melo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.39019231016	
CAPÍTULO 17	168
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
João Ricardo Melo Figueiredo Eliana Leite Assis Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.39019231017	
CAPÍTULO 18	175
EDUCAÇÃO EM SAÚDE: EFICÁCIA DE UM ENSINO DE SUPORTE BÁSICO DE VIDA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Caio Winch Janeiro Carolina Rodrigues Lopes Gustavo de Souza Andrade Lívia Mariana Lima Gava Murieli Fonsati Mázzaro César Antônio Franco Marinho Gustavo Navarro Betônico	
DOI 10.22533/at.ed.39019231018	
CAPÍTULO 19	182
ESCOLA X FAMÍLIA: UM DOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI	
Jenyfer Fernanda Almeida Andreia Aparecida Pontes Maria Elganei Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.39019231019	
CAPÍTULO 20	192
A ESCUTA DAS CRIANÇAS COMO UM PRINCÍPIO DA AÇÃO EDUCATIVA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA UEIIA/UFSM	
Ana Carla Bayer da Silva Daniela Dal Ongaro Jovaneli Lara Xavier Siqueira da Rosa Juliana Goelzer	
DOI 10.22533/at.ed.39019231020	
CAPÍTULO 21	202
CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE DE ESTUDANTES ADOLESCENTES EM MUNICÍPIO RIBEIRINHO AO NORTE DO BRASIL: O QUE FOI COMPREENDIDO E O QUE AINDA NECESSITA SER APRIMORADO?	
Liliane Gonçalves de Araújo Darlene Teixeira Ferreira Gláucia Caroline Silva de Oliveira	

Aldemir Branco de Oliveira-Filho
DOI 10.22533/at.ed.39019231021

CAPÍTULO 22 213

O PARADIGMA DA “ATIVAÇÃO” DO ESTUDANTE E AS DEMANDAS POR UMA EDUCAÇÃO EM COMPASSO COM O SEU TEMPO

Bruno Gomes de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.39019231022

CAPÍTULO 23 225

CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DEFORMAÇÃO UNIFORME EM MATERIAIS SOB STRESS

Otto Leonardo Gómez Huertas

DOI 10.22533/at.ed.39019231023

SOBRE A ORGANIZADORA..... 231

ÍNDICE REMISSIVO 232

DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

João Ricardo Melo Figueiredo

Instituto Benjamin Constant - IBC

Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: Este texto apresenta os desafios para a inclusão da pessoa com deficiência visual. Inicialmente é apresentado um histórico das concepções da humanidade para com a pessoa com deficiência visual, desde a antiguidade até os dias atuais, desde a época em que a pessoa cega era vista como tendo uma visão para o mundo sobrenatural até a compreensão das experiências como fatores de aprendizagem para a pessoa cega e de baixa visão. Em seguida, é apresentada a trajetória de inclusão pela qual passa uma pessoa com deficiência, a inclusão familiar, a inclusão escolar e a inclusão no mundo do trabalho. O sucesso em cada etapa do desenvolvimento da pessoa com deficiência vai dar condições para que o indivíduo alcance a inclusão em sua totalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência Visual; Inclusão; Educação Especial.

VISUAL DISABILITY: CHALLENGES FOR INCLUSIVE EDUCATION

ABSTRACT: This text presents the challenges

for the inclusion of the visually impaired person. Initially a history of humanity's conceptions of the visually impaired person is presented, from ancient times to the present day, from the time when the blind was seen as having a vision for the supernatural world to the understanding of experiences as factors of learning for the blind and low vision person. Next, the inclusion trajectory of a person with disabilities, family inclusion, school inclusion and inclusion in the world of work is presented. Success at each stage of the development of the disabled person will provide conditions for the individual to achieve inclusion in its entirety.

KEYWORDS: Visual Disability; Inclusion; Special Education.

1 | INTRODUÇÃO

Vivemos hoje uma realidade na qual as pessoas com deficiência estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, participando efetivamente dos movimentos sociais e tendo oportunidades de voz, em uma sociedade excludente, por natureza. Por este motivo, é fundamental discutirmos a inclusão da pessoa com deficiência, no nosso caso, com deficiência visual, foco de nossa atuação profissional.

Antes de mais nada, contudo, fazemos aqui referência à exclusão que acompanha

a história da humanidade: do mais fraco, do diferente, de quem não compartilha dos mesmos pensamentos, de quem destoa do padrão; é parte de nossa história evolutiva.

Por isto, sabendo que não é fácil o processo desbravado pela pessoa com deficiência, é fundamental que busquemos cada vez mais diálogo para que ela ocorra de forma verdadeira, não apenas com a garantia legal, como é o caso da matrícula escolar, o que sem sombra de dúvida já mostrou um avanço em nossa sociedade.

Assim, neste texto, temos a proposta de discutir, brevemente, este processo dentro do ambiente escolar, a fim de colaborar para uma educação transformadora. Com este objetivo, vamos percorrer as concepções históricas sobre deficiência visual, discutiremos a trajetória educacional deste sujeito e vamos apontar os caminhos para que a inclusão se concretize e que o indivíduo possa estar em um estado de completude. Passamos então, à compreensão da humanidade frente à deficiência visual, fundamental para entendermos o estado em que conseguimos chegar na atualidade.

2 | DEFICIÊNCIA VISUAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA

O tempo é o grande fator que permite a nossa transformação, nossa evolução. Ele garante que tenhamos condições de nos adaptarmos, o que nos deixa olhar para o passado e vermos o quanto já mudamos.

De acordo com Vygotsky (1934) a deficiência visual não significa apenas a ausência ou alteração do uso da visão, mas também uma reorganização orgânica e psicológica. Para ele, a cegueira não é somente um defeito, mas uma fonte de capacidades. De forma clara o autor define três momentos principais na história da humanidade em relação à deficiência visual: a) período místico, b) período biológico e ingênuo e c) período científico ou sócio-psicológico.

O período místico é compreendido na Antiguidade, na Idade Média e também em parte da Idade Moderna. Nele vigoravam dois conceitos principais quanto à pessoa com cegueira: ou ele era considerado alguém indefeso, infeliz, que vivia em desgraça, ou era tratado com respeito pelos poderes místicos que se acreditava que ele possuía. Por não enxergar, o cego era tido como mais capaz de desenvolver-se espiritualmente, pois estava livre de se perder nas ilusões mundanas.

Ainda hoje, observamos na prática pedagógica traços desta natureza quando abordada a questão da educação de pessoas cegas. Isto se deve porque, conforme afirma Amiralian (2002), o mundo mental do cego é um enigma para o vidente (pessoa com visão normal) graças à diferença provocada pela visão. Ou seja, o vidente, pessoa com visão normal, não consegue, em muitos casos, conceber como é um mundo sem visão. Caiado (2003) mostra este fato com maior clareza quando afirma em sua pesquisa: “Há o professor que acredita que o deficiente visual não aprende porque é um deficiente global e, outros, que acreditam que porque ele não

tem a visão, desenvolveu uma inteligência extraordinária.”

Observamos que, mesmo já sendo ultrapassada a ideia de que a pessoa com deficiência visual esteja ligada ao extraordinário, sobrenatural e incrível, ainda hoje, em nossa sociedade, existem pessoas que difundem este pensamento sobre o sujeito com deficiência visual, principalmente por falta de esclarecimentos e dificuldade de acesso a informação relevante.

O período biológico e ingênuo ocorreu durante o Iluminismo (século XVIII). Nesta época a ciência passa a ser muito valorizada, substituindo conceitos metafísicos. A Igreja perde o seu poder e os homens “iluministas” buscam explicações científicas para todos os fenômenos que envolvem o dia-a-dia da humanidade. Ao mesmo tempo, existe a necessidade de “esclarecer” a população, é preciso ascender as luzes, antes apagadas, é necessário retirar-se o véu e buscar o conhecimento. Para este fim, são criados na Europa centros de educação em massa.

A cegueira, então, passa a ser vista como objeto de estudo científico. Além disso, os cegos começam a ser educados através da criação de institutos e escolas para cegos.

Em Paris, em 1784, foi criada, por Valentin Haüy, a primeira escola para educação dos cegos e para sua preparação profissional. No instituto fundado por Haüy, o alfabeto era traçado em relevo para que os cegos percebessem as letras e os números. Quando necessitavam fazer exercícios de escrita, faziam uso de letras e números móveis.

Um general do exército francês, Charles Barbier, todavia, havia inventado um método de leitura tátil no escuro, para que seus soldados pudessem comunicar-se à noite sem serem vistos no campo de batalha. Ao visitar a escola de Haüy, Barbier estendeu seu método para o ensino das pessoas cegas. Era um método fonográfico constituído por pontos em alto-relevo, representativos dos sons do francês.

Mais tarde, a escola de Haüy recebeu um jovem que havia ficado cego aos três anos de idade ao acidentarse com o material de trabalho de seu pai. Este jovem, Louis Braille, aos quinze anos de idade, a partir da metodologia de Barbier, desenvolveu um outro método de leitura e escrita através da combinação de seis pontos em alto-relevo. Este foi reconhecido como Sistema Braille, permitindo que a pessoa cega tivesse acesso à música, aos códigos matemáticos, à química, ou seja, à toda informação de escrita e leitura antes perceptível apenas para o vidente.

No Brasil, a educação do deficiente visual ocorreu apenas com a fundação em 17 de setembro de 1854 do Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Criado por decreto do Imperador D. Pedro II, o instituto brasileiro, que mais tarde seria chamado de Instituto Benjamin Constant, em homenagem a um de seus diretores, foi fundado seguindo os moldes do instituto francês de Raüy. A criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos foi motivada porque um jovem cego, Álvares de Azevedo, depois de estudar em Paris, foi ensinar a filha do médico da Corte Brasileira, que era cega. Sendo bem sucedido em seu intento, o jovem e o fato foram apresentados ao

imperador que então fundou o Imperial Instituto, pioneiro na América Latina.

Hoje, o Instituto Benjamin Constant, localizado na Urca, Rio de Janeiro, é um centro de referência nacional, ligado diretamente ao Ministério da Educação.

É importante ressaltarmos ainda que, no período biológico e Ingênuo, é criada a teoria da substituição, pela qual a falta de um órgão era compensada pelo melhor funcionamento dos outros, o que ainda podemos ouvir nos dias hoje quando pessoas no dia-a-dia referem-se ao indivíduo cego dizendo que por ele ser cego escuta melhor. Na verdade, o que acontece, é um melhor desenvolvimento do sentido da audição, até por procurar novas estratégias para compreender o mundo, o que não é absoluto nem automático para todos, mas sim, totalmente subjetivo.

Caiado (2003) mostra que o salto de qualidade entre os dois primeiros momentos é inegável, pois a explicação mística para cegueira cede lugar para uma teoria que pressupõe uma capacidade de adaptação. O segundo período, contudo, ainda guarda uma noção errada sobre o deficiente visual, pois esta adaptação não é simples e automática. Infelizmente, conforme diz a autora, ainda hoje existem práticas pedagógicas voltadas para o atendimento de pessoas cegas que utilizam unicamente a estimulação dos outros sentidos, apresentando assim, uma visão totalmente biológica do ser humano.

O último período, em que vamos nos deter nesta jornada histórica, é o período científico ou sócio-psicológico. Neste momento o deficiente visual é percebido como ser capaz de se reorganizar para compensar a deficiência visual. Esta compensação, por sua vez, não se limita ao desenvolvimento dos outros órgãos dos sentidos, mas a reorganização da vida psíquica por inteiro, com o objetivo de tentar resolver o conflito social advindo da deficiência.

É neste ponto, também, que fica clara a diferença entre pessoa cega e com baixa visão dando-se atenção específica para cada caso, levando conceitos e práticas da reabilitação física para a reabilitação da visão, sendo todos englobados como deficientes visuais, cegos e com baixa visão.

O homem passa a ser visto não apenas como ser biológico, mas como indivíduo social e histórico que, por meio dos grupos sociais com os quais interage, constrói uma linguagem e ao se comunicar, constrói significados para si e para os outros.

Para Vygotsky (1934), é óbvio que o cego tem limitações biológicas, mas socialmente ele é pleno, pois pela palavra pode comunicar-se e aprender significados sociais. A interação do cego com o ambiente é cheia de conflitos, mas de acordo com o autor é graças ao conflito que o deficiente visual tem forças para superá-lo.

3 | PROCESSOS DE INCLUSÃO

O indivíduo com deficiência visual passa, em sua vida, por três momentos decisivos de inclusão: a) inclusão familiar; b) inclusão escolar; e c) inclusão no

mundo do trabalho. Vamos discutir rapidamente, estas três etapas:

4 | INCLUSÃO FAMILIAR

Por mais duro que possa parecer para o leitor não habituado às questões relacionadas ao sujeito com deficiência, o primeiro obstáculo ao sucesso do indivíduo está dentro de casa, sua família.

Ao gerar um bebê, ninguém imagina o desenvolvimento de uma criança com deficiência. Ao nascer um filho com deficiência é necessário a desconstrução da imagem da criança que não nasceu, a fim de aceitar aquele que a substituiu.

Quando os pais pensam em uma criança, imaginam um ser que possui toda a vida pela frente, sem incluir a deficiência nestes planos. Para Laplanche e Pontalis (2001, p. 203) eles passam por um momento de frustração:

Condição do sujeito a quem é recusada, ou que recusa a si mesmo, a satisfação de uma exigência pulsional. É a tradução do termo *Versagung* que não designa apenas um dado de fato, mas uma relação que implica uma recusa por parte do agente e uma exigência mais ou menos formulada em demanda por parte do sujeito.

Este momento gera um luto, não relacionado à morte, mas à perda, de toda uma construção psíquica que terá de ser reorganizada para que a criança possa ter o carinho e o amor de seus pais e até familiares. É um processo particular de cada grupo familiar, que pode ser rápido ou não, importando que a família seja apoiada por especialistas, a fim de que o desenvolvimento da criança não fique comprometido.

5 | INCLUSÃO ESCOLAR

Neste ponto a criança com deficiência chega ao espaço da escola. Local democrático e com grandes desafios para seu desenvolvimento. A primeira dificuldade que a criança com deficiência visual será o acesso real, pois uma coisa é garantir a matrícula, conforme determina a lei, a outra é favorecer efetivamente a inclusão.

Em um espaço eminentemente visual, em busca do maior desenvolvimento possível para as crianças sem deficiência, é fundamental que a escola busque também estratégias para que os sentidos remanescentes da criança com deficiência visual possam ser estimulada e possa ter diferentes experiências sensoriais dentro do espaço da escola, Este não deveria ser um trabalho apenas do professor da educação especial, do atendimento educacional especializado, AEE, mas de toda a escola; da portaria quando o aluno entra, até a Direção-Geral da escola.

Na educação infantil a criança com deficiência visual precisaria ser estimulada, de acordo com suas necessidades. A estimulação precoce para crianças com deficiência visual serve para orientar a criança, desde os zero ano de idade, no processo de conhecimento e organização de seu corpo, já que este processo é bastante visual.

Sem ver, ou vendo pouco, ela precisa ser levada a fazer os movimentos que uma criança vidente faria por querer alcançar algo ou mesmo por imitação. Infelizmente, a criança com deficiência visual não estimulada torna-se um indivíduo inseguro, sem conhecimento pleno de todas as potencialidades de seu corpo e com dificuldades de se localizar no espaço.

Outro momento desafiador para a criança com cegueira ou baixa visão é a alfabetização. Sem contar o fato de que o aluno com deficiência visual vai para uma sala de alfabetização com enormes apelos visuais, um espaço que não foi construído para suas necessidades e que pode até casar certa confusão, ele terá o desafio de aprender a ler e escrever, se cego, em um sistema não compartilhado pelos os colegas e em muitos casos, nem pela professora regente e, se baixa visão, tendo acesso às letras e símbolos em tinta com a necessidade de ampliação, sendo muitas das figuras utilizadas como apoio do processo, sem significado, pela quantidade de informações apresentadas na imagem. O apoio e, em muitos casos, o processo de alfabetização, acontece no atendimento educacional especializado, AEE, sendo a sala de aula um espaço de socialização, que, em muitos casos, não consegue dar conta das necessidades reais do aluno com deficiência visual na alfabetização. O corpo do aluno cego e as potencialidades visuais do aluno com baixa visão precisam ser desenvolvidas, o vai acontecer no AEE.

Vencidas estas etapas outros fatores que afetam o processo de inclusão deste aluno são: a aceitação pela turma, pelo professor e flexibilidade deste; a lentidão do aluno com deficiência visual, se comparado com alunos videntes, a falta de motivação, de autoestima e de independência, dificuldades emocionais causadas por sua condição e o respeito pelo outro e para com ele.

Depois de vencer a escola, ou seja, conseguir se incluir, o que não é impossível, mas precisa ser conquistado pela pessoa com deficiência visual, uma inclusão muito além da sala de aula, vem o último momento na constituição de um indivíduo pleno.

6 | INCLUSÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Este é o objetivo a ser alcançado. Perpassando pela inclusão familiar e pela inclusão escolar, o indivíduo tem grande chance de ser bem sucedido na inclusão no mundo do trabalho, É fundamental que ele aprenda a ser visto, não apenas pela deficiência, mas por suas potencialidades.

Ao chegar aqui, a pessoa com deficiência visual tornou-se um indivíduo pleno, com condições de total independência, com a capacidade de ser autor de sua própria história.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto apresentou, de forma muito rápida, a trajetória de inclusão de uma pessoa com deficiência visual.

Através dos tempo da história, demonstramos como a concepção da humanidade, frente ao indivíduo com deficiência visual, foi se transformando, permitindo cada vez mais sua inclusão no cotidiano.

Elaboramos processo de inclusão que hoje tem de passar uma pessoa com deficiência visual, desde o nascimento, até a chegada ao mercado de trabalho, vencendo, os desafios de uma sociedade ainda excludente, como mencionado no início deste texto.

Por fim, resta concluir que a deficiência visual por si, não impede o desenvolvimento do indivíduo, mas também não o favorece, o que gera as dificuldades em sua caminhada em um mundo com grandes atrativos para o sentido da visão.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Moraes Toledo. **Compreendendo o Cego**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. **O Psicólogo e as Pessoas com Deficiência Visual**. IN: MASINI, E. F. S. **Sentido, pelos Sentidos, para os Sentidos: Sentidos das Pessoas com Deficiência Sensorial**. Niterói: Intertexto, 2002

BRUNO< M. M. Garcia. **O Significado da Deficiência Visual na Vida Cotidiana: análise das representações dos pais-alunos-professores**. Campo Grande – MS, Faculdade Católica Dom Bosco, 1999, 158 fls. Mimeo. Dissertação de Mestrado

_____. **Alfabetização de Alunos com Baixa Visão Significativa: algumas reflexões sobre o potencial visual, o processo de aprendizagem e o Sistema Braille**. IN: **Anais do Primeiro Simpósio Brasileiro sobre o Sistema Braille**. São Paulo: Rede Saci, 2003.

CAIADO, K. R. M. **Aluno Deficiente Visual na Escola: lembranças e depoimentos**. Campinas, SP: Autores Associados, PUC, 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTÍN, M. B.; BUENO, S. T. **Deficiência Visual: Aspectos Psicoevolutivos e Educacionais**. São Paulo: Santos, 2003.

MASINI E. F. S. **O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual**. Brasília: Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

SOBRE A ORGANIZADORA

ADRIANA DEMITE STEPHANI - Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa: Métodos e Técnicas de Produção de Textos. Mestrado e Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é docente (Adjunto III) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, em Arraias, e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT/Porto Nacional. Tem experiência na área de Letras e Pedagogia com ênfase em Ensino de Língua e Literatura e outras Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, Letramentos, Arte e ensino, Arte Literária, Literatura e ensino, Literatura e recepção, Literatura e outras Artes, Leitura e formação, Leitura e Escrita Acadêmica e Literatura infanto-juvenil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Recepção (LER), em parceria com docentes da UEG e UnB. Avaliadora do Inep/MEC de cursos de Letras e Pedagogia.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 10, 26, 30, 58, 59, 91, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 167, 171, 173, 174, 182, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 195, 199, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225
Aprendizagem ativa 111, 213, 214, 220, 221, 223
Arquitetura escolar 107, 109, 119

B

BNCC 139, 140

C

Campo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 31, 35, 40, 43, 44, 48, 50, 70, 86, 88, 89, 90, 93, 97, 121, 132, 134, 141, 163, 167, 169, 171, 174, 183, 184, 187, 208, 213
Conformismo simulado 86, 92
Consciência verdadeira 95, 96, 97, 100, 102, 105, 106
Críticidade 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73
Curta-metragem Vida Maria 42

D

Deeper learning 213, 214, 220, 221, 222, 223
Deficiência 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174
Deficiência visual 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

E

Educação em saúde 134, 137, 175, 176
Educação escolar 52, 74, 95, 96, 103, 104, 105, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 152, 189
Educação especial 4, 7, 152, 160, 161, 165, 168, 173, 194, 195
Educação infantil 4, 7, 20, 96, 103, 115, 116, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200
Educação profissional 4, 7, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41
Emancipação 3, 50, 53, 54, 62, 66, 68, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 120, 125, 128, 130, 134, 144, 149
Ensino de filosofia 61, 62, 68, 70, 71, 73, 74
Ensino híbrido 107
Esclarecimento 55, 59, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130
Escolarização 5, 10, 18, 23, 42, 44, 47
Escuta 134, 164, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200

Estado 3, 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 34, 37, 43, 44, 56, 61, 63, 66, 67, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 93, 103, 105, 122, 124, 141, 145, 162, 194, 204, 212, 215, 217, 221

F

Família 4, 45, 79, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 125, 143, 151, 154, 157, 158, 159, 160, 165, 168, 169, 170, 173, 174, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 203, 211, 212, 217

Formação cultural 95, 96, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 120, 125, 126, 129

Formação estética 52, 54, 55

Formação humana 37, 39, 58, 61, 62, 65, 66, 72, 74, 105, 121, 139, 141, 143, 145, 146, 149

G

Gênero 6, 23, 29, 30, 31, 42, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 65, 82, 211

H

Homem integral 52, 57

I

Inclusão 3, 54, 59, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 173

Inspeção eficaz 21, 23, 25, 26, 30

Inspetores da instrução 21, 27, 28, 30

Instrução popular 21, 24

Inteligências múltiplas 107, 109, 110, 111, 113, 117, 119

Interdisciplinaridade 139, 141, 146, 147, 148, 149, 150

J

Jean-Jacques Rousseau 61, 62, 63, 65, 68, 74

L

Liberalismo 15, 16, 75, 76, 77, 79, 84

Locke 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 122, 124, 130

M

Metodologias ativas 107, 109, 110, 111, 112, 117, 119, 137, 220, 221

N

Neoliberalismo 13, 15, 16, 60

P

Paideia 123, 130, 139, 140, 147, 148, 149, 150

Participação 15, 18, 86, 100, 115, 134, 136, 147, 151, 157, 159, 174, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 211

Política de educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Políticas neoliberais 33

Precarização 35, 40, 86, 87, 88, 89, 91

Primeiros socorros 175, 176, 177, 178, 180

Produção do conhecimento 1, 2, 5, 10, 11

Professores 19, 27, 29, 31, 38, 73, 92, 93, 94, 103, 104, 112, 113, 114, 115, 118, 134, 136, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 167, 174, 175, 177, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 212, 220, 231

Profissionais da saúde 131, 133

Profissionalização 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

R

Redesenho do espaço escolar 107

Reforma 13, 17, 20, 41, 66, 88, 112, 113

S

Serviço social 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Sociedade da aprendizagem 213, 214, 216, 217

Suporte básico de vida 175, 176, 177, 181

T

Trabalho 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 24, 25, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 96, 97, 100, 101, 103, 104, 105, 111, 113, 115, 118, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223

Trabalho pedagógico 192, 194, 196, 197, 198

V

Vida escolar 182, 185, 187, 189

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-739-0

